

ASSIGNATURAS	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

«El joo non stann perrill factuimus, et sanctificamus omni vultu doctrine, in scriptis haurimus. In scriptis ad circumstantiam erroris.»  
 (S. Paulo, ad Ephesios, Epistola Cap. V. v. 14.)

Maranhão, 30 de Outubro de 1880

Propriedade de uma associação

### Declaração necessaria.

Os maranhenses, que constituem na sua maioria a Redacção d'o PENSADOR, repellim com soberano desprezo a lisonja baixa e torpe que lhes dirige a *Civilisação de savaria* no seo n. 11, e orgulhão-se em ter por companheiros os dois illustrados portuguezes, que malicião a vil insinuação.

Outubro, 23 de 1880.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE OUTUBRO DE 1880.

A thiara que orná a fronte dos Papas, é uma coroa cujos brilhantes e ouro hão sido corpurados com oceanos de sangue. O baculo pontifical, esse bastão com que o Papa tem governado o mundo, é um sceptro que tem custado rios de prantos aos povos.

É que a cruz de sangue e de lágrimas se tem estabelecido na terra essa personificação da maldade que responde ao nome de Igreja Romana. Espectro infernal, producto da fermentação da corrupção da humanidade, todo o poder, toda a força, toda a sua riqueza, têm sido arrojados nas torturas com que ha flagellado o genero humano. Seu throno tem por base um abysmo cheio de lama e de sangue. A lama é a corrupção, a estupidez, em que morgulhou os povos. O sangue—a vida, o vigor, que ella conseguiu roubar ás nações.

Se ha historic sinistra, se ha historia infame, nos olhos do pensador, é esse livro sangrento que tem por titulo—Historia da Igreja. Narração de todos os crimes com que o Papado, o Catholicismo, se tem mantido, esse livro tem paginas que fariam estranhar de horror a Attila e a Tamerlan. A historia da Igreja é a synthese de todos os crimes, de todas as corrupções, de todos os feitos abomináveis, d'esse ser pensante—o homem, quando deixando de pertencer á humanidade se reveste de um caracter satânico—o do sacerdote.

E sabeis d'onde nasceu essa Igreja cuja historia é a de todas as infamias? Nasceu da rapina, do parasitismo que se acobertou com o nome de Jesus. Nasceu da corrupção, e tomou para egide as paginas de luz do Evangelho! Nasceu da maldade, da perversidade sacerdotal, e declarou-se filha do Christo! Nasceu do despotismo, e abrigou-se sob essa esplendida fantasia de liberdade, essa tragedia soberba cuja ultima scena é a cruz de luz que irradia no Golpho!

E assim essa força do abysmo, essa força do mal, essa força de trevas, essa força de escravidão, essa força corruptora de tudo o que ha de sano na humanidade, a semente das doutrinas de um martyr, debaixo d'essa aureola de luz—a moral christã—cresceu, medrou e desenvolveu-se. Cresceu em detrimento das consciencias que esmagou. Medrou—fluctuando no oceano de sangue que derramou. Desenvolveu-se—morgulhando os povos na ignorancia, e appassando-se do fructo do trabalho de milhões de braços linguos. E no meio d'este crescimento, d'este prosperar, d'este desenvolvimento, ella bradava ao orbe inteiro—En sou a filha do Christo. Sou essa Igreja contra a qual não podem prevalecer as portas do inferno!...

A filha da maldade—diz-se filha do Christo! A lachante, que se embriagara com sangue humano, a meretriz que se assentara no throno dos Cesares, a filha legitima do inferno, pretenda prevalecer contra as portas de seu pai! E assim que ella escarneia dos homens, é assim que por meio de astucias, renegando o inferno que lhe deu a vida, e cuspiendo na face do Christo, do Christo em cujo nome cubria a terra de atrocidades, matilha os povos na escravidão—pervertendo as consciencias, arrastando o homem contra o homem, matando-lhe a razão e submergindo-o n'um lago de calamidades, horrivel como a seu vultu de barça sinistra.

A Igreja Romana! Oh! vós não conheceis bem esse dragão que tem sido o tormento da humanidade. Se a pedisdes ver tal como a viram os povos na idade media, se a visseis tal como ella se mostrava ás nações n'essa epocha de crimes, vos amaldiçoaríeis como a amaldiçoar a historia, vos a havíeis de amaldiçoar como a amaldiçoaram os Templarios.

—Os Templarios? —Sim, os Templarios. Os Templarios de que a Igreja se servio como instrumento de sua grandeza. Os Templarios que ella queimou! Os Templarios que a engrandeceram nas Cruzadas e a quem ella recompensou—com as fogueiras.

Ides conhecer essa pagina de sangue. É um dos diamantes da thiara pontifical.

Fora em meio das gritos de jubilo dos povos christãos, em meio d'esse delirio que se apouso da Europa no XI seculo, que a conquista de Jerusalem havia sido realisada pelos cruzados. Essa cidade em que se desenrolara o sublime drama do Evangelho, essa cidade em que Jesus lançou os fundamentos d'essa grande revolução social—o Christianismo, assumira para os povos do Occidente as proporções gigantes, colossaes, de uma cidade santa. Quando os cruzados a possuiram, quando os viram dominando a essa região, as nações europeas como que sentiram percorrer-lhe os nervos num estremecimento galvanico. O papa havia concluido a sua obra. Toda a Europa estava fanatisada.

E fanatisada como? Aisso pela sublimidade da moral christão? Pela dogma dos precievos evangelicos? Pela pureza dos costumes da Igreja? Pelas virtudes de seus ministros? Pela humildade do Papa? Pelo ascetismo das praticas religiosas? Pela condicção edificante dos monges? Pela castidade das freiras?... Não. Simplesmente pelo sangue que espolpava as areias da Syria. Pela carnificina que ensanguentava as margens do Jordão. Pela mortandade dos infelizes. Pelas atrocidades d'esses famílias—os cruzados. Pela orgia celebrada sobre o throno do Christo. Pelo escarnio, pela irrisão, com que a Igreja impellia o homem a calcar aos pés a santa lei de Jesus.

Tal era o fanatismo da Europa n'essa epocha de trevas. Taes as fontes de que havia jorrado esse fervor religioso. Nascente impura que as astucias do Papado haviam feito brotar do seo da corrupção, do embriecimento, e da rapina.

E no meio d'essa tempestade religiosa, em meio d'esse furacão que devastava as consciencias, em meio d'esso hor-

ror, um horror surge maior. Em nome do Christo instituem-se ordens militares destinadas a derramar o sangue dos homens! Ordens em que se devia jurar o extermínio de todos aquelles que não fossem christãos! Remunio sacrilega de honras que, em nome de Deus tinham por missão especial—derramar sangue na terra!

E a Igreja que despertara esta magnifica ideia, a Igreja que desejava ter ás suas ordens um rebando de lobos que a defendessem, a Igreja que só ambicionava sorver todo o sangue que girava nas veias da humanidade, a Igreja culmin exultou de jubilo. Approvrou os estatutos d'essas ordens execrandas, e breve o mundo oriental viu-se a braços com os Hospitalarios, com os Templarios e com os cavalleiros Teutões. Tres fortes milicias, tres exercitos, destinadas para manter a supremacia moral d'esse absurdo que se vestiu com o nome pomposo de Catholicismo Romano.

Estava a Igreja com o poder definitivamente nas mãos. Além das nações cuja frente ella fazia rojar no pó, conseguia ter um exercito ás suas ordens. Um exercito de bravos, de homens despidos de todo o medo, capazes de vertebem até a ultima gotta do seu sangue em prol d'essa causa de reprobos—a escravidão universal das consciencias.

E entre essas tres ordens, a mais digna foi a dos Templarios. Phalange composta de toda a flor da nobreza Europeia, lida em seu seo todos os elementos para desempenhar com denodo a sua missão de trevas. Embrutecida e fanatisada pela Igreja ella punha ás ordens do papado a sua coragem aguerriada, e até as virtudes de seus membros. Lançada na senda do mal, ella conservando ainda certa inteireza de caracter julgava servir a causa do bem. Julgava ser Christo quem a dirigia, e nada mais era do que um instrumento do Papa. Gostava em nome da verdade, ella que só desempenhava uma missão nefanda—a de pagar o erro sobre a terra.

Mas, ah! seja com elles indulgente a historia. Erroo homem fanatisado, e o homem fanatisado não é homem—é uma fera. Julgavam servir o bem, e essa creca atenta-lhes os crimes. Perdoo-lhes. Ah! elles foram esmagados! E não por aquelles que fructuraram, mas pela Igreja de que foram instrumentos.

A Igreja matou-os.

Eis como ella recompensa aquelles que lhe hão servido de apito. Além do privilegio de ser infamia ella goza do outro.

—Qual? —O da ingratitude.

O reino de Jerusalem como todas as conquistas devidas a um enthusiasmo momentaneo foi um reino de ephemera duração. Demastadas vicissitudes corrou o seo, e a ambição dos guerreiros que o governavam fez-o caminhar rapidamente para a sua ruina. Em vão a Europa lhe fornecia todos os annos homens para o defenderem. O Oriente fazia-se desapparecer rapidamente. Sordeouno enorme elle engolia todas as forças que se lhe precipitavam no seo. Simulau-se as gerações n'este huracão sinistro, e a Igreja que lucrava com esta carnificina continua estava constantemente encheado as fauces do monstro.

Entre todos os defensores d'este rei-

no decrepito ao nascer, os mais nobres foram os Templarios. Anlazes e fortes jamais se excusaram a combater contra os infelizes. Haviam declarado guerra ao crescente, e constantes na sua obra, nunca se os viu abandonar os campos de batalla. Batiam-se como leões, e ousados e valentes elles preferiam a morte á deshonra. Não se pavoriam com o ermitão Pedro. Não sabiam fugir.

Mas, debalde combatiam estes fortes em prol de uma causa já perdida. A hora da queda d'este reino de crimes aproximava-se. A traição lavrava-lhe no seo. O conde de Tripoli chama Salah-Eddin em seu socorro para defender-se do ref de Jerusalem. Salah-Eddin vem. Approvita o momento de se apouso das compristas dos christãos. Debilde quindentes Templarios se lhe atravessam no caminho. Morrem quasi até ao ultimo seu poder obstar ao tremendo ataque. Salah-Eddin triumpho na batalha de Tibberiates. Jerusalem cahiu nas mãos. Desappareo o fructo das Cruzadas, e os christãos da Syria ficam devidos a vis d'á generosidade do vencedor.

E o sangue que a Europa derramara servira apenas a tingir de vermelho as paginas da historia. Resultado algum se obtivera d'esse holocausto enorme. Não—havia um. A Igreja mostrara o seu poder e nada va de uma opoção que roubara aos povos. Todos esses crimes só haviam aproveitado ao sacerdote. Elle colhia os fructos que haviam germinado d'essa fermentação de sangue humano.

E o que era feito dos Templarios, d'esses denodados guerreiros? Haviam-se espolpado em toda a Europa. No Oriente não mais a guerra se lhes apresentava como a haviam subido. Haviam visto tornarem-se infructíferos todos os seus esforços, e abandonando facilmente o empunho de engrandecerem a Igreja, cindaram em engrandecer-se. Tinham a força e a audacia e sonharam tambem apouso-se do mundo christão. Erroo um exercito e com esse exercito podia-se fazer grandes cousas. Os Templarios quizeram dominar. O dominio sorria a todos as corporações.

Para realisar o seu intento, para conseguir esse dominio, pensaram primeiro em ser ricos. A riqueza seria a porta que lhes daria ingresso á ambição. O ouro, esse metal que tudo consegue na terra quando a humanidade perde a consciencia, tornou-se o objectivo de todas as suas emprezas. Com o ouro tudo conseguiriam. O ouro e a espada hão sempre sido os dois grandes carrascos do genero humano. Os Templarios tinham a espada que lhes daria o ouro.

Ao veloz crescer o Papa franziu os sobrolhos, e a realza tremem. Não convinha a estas duas potencias ver outra medrar a seu lado. O poder é egoista. A partilha, a divisão não agradam ao egoismo.

E o Papa e a realza pensaram em desfazer-se dos Templarios. Já não eram precisos para defender a Igreja. O Papa não lhes necessitava mais do sangue. O instrumento tornara-se perigoso. Convidou despedal-o. E a Igreja pensou em despedalar os Templarios.

Dizei se esta moral não é a moral de Satan.

Satan e a Igreja caminham de mãos dadas.

A realza á um abutre corado que um dia surgiu durante o somno dos povos. Personificação da força inventada para torturar a humanidade, ella no plano da historia só sabe representar um papel — o da tyrannia.

E a realza que a tudo pretende na terra, via com surda raiva o poder florecer nas mãos dos Cavalleiros do Templo. Ella que apoz as Cruzadas se aclarava pobre, viu junto de si um vulto opulento. Levada pela sede do roubo ambicionava apossar-se dos bens que via nas alheias mãos. Os bens eram fidos pelos Templarios. Convinha fazel-os desaparecer da face da terra. Os mortos não vem reivindicar o que se lhes roubou. E a realza queria roubar.

Eram portanto ignes os desejos, as ambições, e esses dois monstros — Egreja e monarchia. Ambos tinham por objectivo o mesmo fim. Assim o comprehendeu Philippe o Bello, assim o planejou de accordo com Clemente V—esse infame Bertrand de Goth.

E para que não faltasse um ardi, para que a Egreja não deixasse de por em campo as suas infames astucias, o Papa pensou em illudir os Templarios. Querendo aproveitar a Inquisição á Franca trazida por Blanca de Castella e por S. Luiz, prega uma cruzada contra os musulmanos. Escreve á Jacques de Molay, e diz-lhe que venha secretamente á Franca arrasar-se para a nova empresa. Jacques, simples como uma criança, vem ao lago infernal que lhe arramara. Vem á Franca onde o esperam cadelas. Vem á Franca onde para elle e seus companheiros se prepara um processo monstruoso. Vem para a Franca onde os agurdam torturas. Vem para a Franca onde tem de ser como hereges condemnados a morrer nas fogueiras. Jacques de Molay e seus companheiros são presos. Accusam-se de crimes infames. Atribuem-se-lhe cousas horribes. Inventam-se falsidades alarmaveis, e o Papa e Philippe são d'ellas os inventores. Torturam-se os cavalleiros. Fazem uns morrer lentamente no seio das masmorras, e outros por torturas continuadas, e reservam os maiores, os mais nobres para expirar no alto de uma pyra.

E são condemnados os Templarios. Não entem morrer para deixar suas riquezas á Egreja e aos monarchas. Não morrer porque só os monarchas e a Egreja tem o privilegio de ser grandes e ricos.

Eil-os que camilham para a fogueira em que seus ossos vão ser calcinados. Eil-os que marcham demodadamente para o supplicio, como marchavam d'antes contra o Islamismo. Quer no passado quer no presente a Egreja mandava-os morrer. Eil-os que fortes, bravos sempre, se deixam envolver pelas chammas! Como elles fallau ainda em cima de um brazero! Como no sentirem o fogo lambem-lhes os membros ainda tem coragem para voltar seus canticos para o céu! Ah! elles louvavam a Deus que os faz morrer innocentes, e amaldiçoam essa Egreja que lhe deu esse supplicio infamante, essa Egreja pela qual haviam vertido as gotas do seu generoso sangue.

Jacques de Molay do alto de seu throno de chammas solta um brado. E um appello á justiça do Deus. Gita Philippe e Bertrand á comparecerem dentro de um anno no eterno tribunal da justiça divina. A creença não o abandonara até á última hora. Estas palavras foram as ultimas que proferiu. O fogo havia consumido os corpos, e os Templarios haviam deixado de existir.

Bertrand e Philippe tinham a riqueza que ambicionavam. Mas não a riqueza só. Tinham o remorso que lhes haviam legado os Templarios. Esse remorso fel-os morrer.

Assim se cumpria a prophacia de Jacques de Molay.

Coincidencia enorme ante a qual pasma a historia.

No seculo actual a Egreja não tem Templarios a defraudar. Ha muito que as ordens militares desapareceram. A huma-

nidade ja não manda seus filhos morrerem nos campos da Palestina. Não os manda defender a sepulchro de Jesus. Uma só empresa lhes commette—a de defenderem a liberdade, a liberdade que os reis e o Papa procuram eliminar da face da terra. O povo hoje não trabalha para a Egreja. Trabalha para o progresso.

E o progresso é a sciencia, esse foco de luz que illumina os cerebros. A sciencia que fazo homem ser hom. A sciencia que a padre quizera extinguir como outra luz extinguiu os Templarios.

Fita portanto os olhos n'esse negro vulto da Egreja Romana. É o maior dos adversarios que as nações tem a combater. Atroz! elle escunde-se um passado de trevas, apenas illuminao pelo clarão das fogueiras. Declarai-lhe uma guerra de morte. O homem não será completamente livre enquanto não exterminardes esse vampiro.

Vos que nos ledes sois os filhos d'esse vultão da verdades que se chama —navegantes-fres. Sois os herdeiros d'esses humens fortes, potentes e justos, que trabalharam pela soberania do povo. Respeitai o legado que vos deixaram. Continuai a obra dos vossos predecessores.

Noventa-e-tres milon o rei, mas ainda deixou de pé o padre romano. Completa a obra d'essa epocha de luz. Fazei desaparecer esse phantasma da vida dos povos.

Não o julgneis inimigo desprezivel. Elle ainda impetra sobre a ignorancia. É a ignorancia ainda é multa. Instrui os povos para que elles saúdum o jogo papal que os embruteira.

As gerações todiernas estão graça ao progresso no seio da prosperidade e da riqueza.

A Egreja ambicionou essa riqueza como ambicionou a dos Templarios. Se hoje não vos pode queimar em fogueiras, ella procura matar-vos a razão ao fogo lento da impostura.

Afastai a impostura com a luz da sciencia. Fastigai o sacerdote com a verdade. Expulsaí-o do seio da humanidade como Christo expulsou os mercadores do templo.

Christo defendia a casa de seu pai; vos defendereis a de vossa mãe—a consciencia.

Defendei-a.

Gymnasio Pernambuco

EXTRACTO DO REGIMENTO INTERNO DO GYMNASIO PERNAMBUCANO.

- 1.º O Gymnasio Pernambucano é um Instituto official, destinado a educação e instrução da sexa masculina.
2.º A administração d'este estabelecimento é exercida por um Regedor, que é o chefe de todos os seus funcionarios e responsavel pela boa direcção e administração d'elle.
3.º Serão admittidos no Gymnasio alumnos internos, meio-pensionistas e externos.
4.º Para sua admissoão deverão os internos apresentar: 1.º certidão de idade, 2.º attestado de vaccina bem succedida, 3.º garantia de pessoa idonea e residente na esta cidade, para pagamento das mensalidades, 4.º recibo da pensão relativa ao 1.º quartel, 5.º entrega ao estabelecimento do enxoval exigido.
5.º Os meio-pensionistas deverão observar a prescripto no § antecedente, menos o n.º 5.º Estes e os externos se apresentarão decentemente vestidos para as aulas.
6.º A matricula estará aberta durante todo o anno escholastico. Uma vez feita, servirá para todo o tempo que o alumno frequentar o Gymnasio, sem haver necessidade de renovar a todos os annos.
7.º Os pensionistas residirão no Instituto tendo direito de estudar a serie de disciplinas de que se compõe o estudo scientifico e litterario do Gymnasio, de conformidade com o programma estabelecido; a ser alimentados suavia e abundantemente; a ser tratados em suas enfermidades, e a ter roupa lavada e engomada regularmente duas vezes por semana.
8.º Os meio-pensionistas se apresentarão no estabelecimento nos dias lectivos, ás horas em que as aulas se abrirem, e d'esse então até o serem encerradas, a tarde, são equiparadas aos pensionistas, quanto aos estudos, alimentação e recreio.

- 9.º Os alumnos externos só tem direito a explicações dos respectivos professores.
10.º O enxoval poderá ser dado em tres prestações conforme o Regedor determinar.
11.º Os pensionistas, que por incuria ou por zelo de seus paes ou encarregados não tiverem os objectos e roupa exigidas, de modo que não possam apresentar-se com a decencia dovuta, serão mandados para a casa d'elles, se as reclamações do Regedor, feitas por escripto e por mais de duas vezes, não forem attendidas.
12.º A pensão dos alumnos internos e meio-pensionistas sera paga em trimestres adiantados. Para os internos e de 400\$ por anno, não se comprehendendo enxoval, livros e objectos de ensino. Para os externos e de 500\$, mais a assistencia de medico em caso de molestia, despesa com medicamentos, mesa, cadeira e luz para o estudo, convertidos de peças arrumadas do enxoval, camisas e pequenos artigos para guardar roupa.
13.º Para os meio-pensionistas a pensão é de 240\$ comprehendendo-se n'ella o exposto no § 8.º
14.º Os externos pagarão 65000 de matricula, durante o anno, pelo estudo de um só preparatorio; 95000 por dois e 125000 d'ahi por diante.
15.º São prohibidas aos pensionistas as saídas sem licença do Regedor, o qual nunca os deixará sair sós e entregos a si mesmos; porém em companhia de seus paes, tutores e correspondentes ou pessoas que apresentem para isso authorisação especial e por escripto.
16.º As sabidas só poderão ter lugar em dias feriados e depois da missa, salvo em casos especiais, autorizadas pelo Regedor, sem prejuizo do ensino professado n'aquelles dias.
17.º As sabidas serão recompensa do bom procedimento e do progresso dos pensionistas em seus estudos. E os que sabirem deverão recolher-se ás 6 1/2 horas da noite, e serão confundidos por seus paes ou pessoas de confiança, sendo os que se recolherem sós ou depois da hora, privados da sabida seguinte ou de mais algumas outras, segundo as circumstancias.
18.º Formam o systema de estudo do Gymnasio as seguintes disciplinas: Instrução Primaria; Lingua Nacional; Lingua Latina; Lingua Franca; Lingua Ingles; Lingua Allema; Geographia; Cosmographia; e Geographia do Brazil; Historia Antiga; Media, Moderna e Patria; Rhetorica; Poetica e Litteratura; Arithmetica e Algebra; Geometria; e Trigonometria Rectilinea; Sciencias Naturaes; Philosophia; Desenho, Musica, Gymnastica e Natação.
19.º Abri-se-ha o anno lectivo no dia 3 de Fevereiro e encerrar-se-ha no dia 31 de outubro, excepto para a aula de instrução primaria, que se abrirá no dia 8 de Janeiro e funcionará até 15 de novembro; sendo feriados, além dos dias que decorrerem do encerramento á abertura das aulas: 1.º os domingos e dias santificados; 2.º os dias de festa nacional e do dia 27 de Janeiro; 3.º os de luto publico declarados pelo governo; 4.º os de carnaval e quarta feira de cinza; 5.º os da semana santa; 6.º o da comemoração dos defunctos; e 7.º as quintas-feiras de cada semana.
20.º Os pensionistas poderão ficar no Gymnasio durante as ferias ou ir passadas em casa de seus paes, tutores e correspondentes ou outras pessoas devidamente autorizadas pelos paes ou tutores.
21.º Os pensionistas são obrigados a apresentar-se no Gymnasio no vespra da abertura do anno lectivo.
Gymnasio Pernambucano. 1.º de Outubro de 1880.

Joaquim Arcoverde d'Albuquerque Cavalcante

COLLABORAÇÃO

Epistola a Candido Lucitano.

Ó potente, jocundo, grande critico,
Que as grammaticas latinas senhoresas,
Ó litterato gigante, que nephilico,
Robentaste no mundo das ideias,
És um genio audaz, apocryptico,
Em gazeta escrevendo panaceas,
Mil asneiras dizendo em phrase chocha,
No latim canonical da meia roxa.
És um genio—um genio desbragado:
Uma benção fizeste—cousa bella—
Uma benção que hoje, criticado,
Tu defendes, amigo, com mazella;
Em chorrillo d'injurias prolongado

No jornal dos padres, fagarella,
Votos a gente dizer que já errou
Quem a tua ignorancia revolon.

És audaz, atrevido, mais que humano,
Ó patusco carola lá do Paço—
Já te assignas—Candido Lusitano—
Encolrindo teu nome de palhaço;
Mas debalde a gredella (duro engano)
Mas debalde o mourão, no teu regaço
Pretendes esconder; aqui te vemos
Semelhante ao que és e conhecemos.

És um typo—um holas caricato—
Que protende (que louca pretensão!)
Ser dos sabios primeiro, o, tolo chato,
O talento confundes co'a ambição;
Nem sequer tu pensaste que o retrato
Verdadeiro de ti, ó paspalhão,
No pantheon jamais figurará,
O pelante importado do Pará.
Mas de certo não morres sem um busto,
Que a mim deverás—ten grande amigo,
Nova estatua que farei, e não sem custo,
Da toleima erguer sobre o jazigo;
Ali figurarás, é muito justo,
Como o jofo figura sobre o trigo,
E toda a gente dirá do pedestal;
—É aqui que deve estar este animal!

Continua portanto n'esse empenho
Do latim mangjar com sabia pena,
Que o publico, gabando-te esse engenho,
Outra vez, quãq, te chame á scena;
Já corbas herbaceas se desenham
Para a frente te ornar a—fronte onena—
E rapazes patucos (não casmurros)
O teu nome lançarão no rol dos burros.

Mas, amigo, á Musa já se cança
De louvares tecer-te e elogios,
Já na rua a turba que descaça
Uma salva te guarda d'assobios;
N'esta carta qu'á penna minha lança
No papel, os versinhos ficam frios
E por isso, de ti me despedindo,
Uma figa te fago concludindo.
A de outubro de 1880.

Nho-Mão
(embaixador chinês).

Dispensa-se a remessa DO Paço Episcopal.

A Virica no seo n. 11 sustenta que o sr. bispo não escreveu aquella enigma e sim—dispensa-se a remessa ao paço Episcopal—o nós continuamos a garantir que é de s. exc. aquella mimosa charada. E como felizmente o Diario devolvido existe em poder de seus dignos proprietarios, que naturalmente não se negarão a mostrar-o, facil é verificar a existencia de um—d—de haste bem voltada, attestando que o sr. bispo é tão valente em orthographia, como em oratoria, e que a Civilisação de sacristia é uma GRANDE MENTIOSA.

Frei Tabaco.

Injustiça clamorosa

Acaba o sr. D. Antonio de dar mais uma prova da antipathia que vota a este bom povo.
Desta vez a victima foi o proprio clero naranhense, aquella que ha bem poucos dias deu um exemplo de obediencia, apoiando, em um manifesto publico, as conhecidas incoherencias de S. Exc. Rvm., quica contra as suas intimas convicções.
O Sr. D. Antonio, tendo de preencher as vagas de Cabido, indigitou para conegos, com grave prejuizo de terceiros, meia duzia de rapazinhos, ainda hontem formigos da Sé, só por se dixerem redactores da Civilisação de sacristia; e para Arcepreste, o padre Guedella Mourão!!!
S. Exc. Rvmd., com a maior ingratição, poz á margem sacerdotes maranhenses, encanecidos no serviço da egreja, para distinguir um padre estranho á Diocese, amigo de lutas e cujo unico merecimento consiste em crear gazetas, onde possa livremente exereçar o seo



enorme talento, enorme erudição e enorme missima vaidade!!!

Lamentando que S. Exe. se deixe dominar a este ponto, damos aos prejudicados nossos sentimentos, pela extensão que acaba de lhes ser feita.

O Marquez de Pombal.

ECHOS DA RUA.

O PENSADOR já disse e agora repete—que só ataca os Tartufos da vil panethina.

O honrado clero, victima do ex-informata, esse lastima e respeita.

O Perigoso importado, depois de insultar do pulpa do povo maranhense, lambue-lhe agora os pés e aviza paixões de nacionalidade!!!

—Descançe Tartufo, infâmias aqui não medirão.

Aza negra o seductor encheo o ultimo numero da Vieira d'elogios a si proprio!!!

—É muito fôfo esse pedante!

Diz a gaiata Vieira que D. Gereba dá todos os dias esmolas a 500 pobres!!!

—É veridico o facto, mas os pobres são de papelão.

O vigario de Pirocaua, depois do telegramma, jantou com todos os conegos e arciprestes apresentadas!!

—Assim BARRIGUDO!!!

Padre Miranda—o dengoso, depois que teve a noticia, passa horas ao espelho, estudando a forma de dar de gambas quando as tiver encarnadas!!!

—Coitadinho do Narciso.

A Vieira n. 11, pondo de parte o seo programma, veio moleca e assanhada!!!

—Assim tartufos, assim vos queremos nós.

O Gereba depois do passeio campestre compra todos os dias 200 reis de limões!!!

—Aqui ha moka...

A membra do coração que ameaçou com ajudade a nossa taboleta, ainda não veio fazel-a.

—Se vier, havemos de photographal-a tal e qual....

Frei Osorio o namorado, quando communicou a discipula a grata noça do telegrapho, ficou tão commovido que lhe cahio aos pés!!!

—Aquella gente não terá um rélho?!

Na Sacristia de S. Antonio uma gentil beata provou, mesmo nas barbas dos Santos, mimosa sobrepelliz!!!

—Qualquer dia gingão lá mesmo a CARACA.

Dizem os tartufos da Cledisa-o-cão que não pedirão proteção ao commercio!!! E as tresentas circulares devolvidas?!

—Além de tudo, são mentirosos.

A Vieira n. 11 defendendo o sr. bispo fel-o sob o titulo de—Mentiras.

—Pois se é mentira o que diz, poupanos o trabalho de refutar.

No dia 25 do corrente indo o amigo D. Gereba de sua residencia ao largo das Mercezes, apenas foi cumprimentado por 3 individuos!!!

—Sim sr., o Antoninho é muito estimado.

A camarilha dos hypocritas acaba de receber o premio de seus bons servicos. O sacerdote encanecido nos trabalhos da igreja, esse que peça esmolas!!!

—O que fazer? a ignorancia sempre foi assim....

Table with 2 columns: Item and Count. Includes 'Beatas sem importancia', 'Ditas da pagodeira', 'Dila da snidade', 'Grande chefe Pagó', 'O piãozinho da dita', 'Jesuítas sem sapatos', 'Ditos papas-jantares', 'Curiosos diversos'.

NB.—Seo Pareza foi, mas não se heizeo, nem ajoellou.

Soror Pompadour.

CRONICA.

A Flecha ultima vem com muita graça—João Alfonso para acceder satisfatoriamente ao pedido que lhe fazemos de firmal-a em sua assignatura, estampa seu nome em todas as linguas, pinta a sua oricuriata e dá os seus signaes.

Só o que desejamos é que a costume de cada um apresentar-se desmascarado estabeleça-se por uma vez, como parece estar para succeder, pois já no Paiz o Mauriz e o Pacifico, saluando da velha rotina, assignaram lealmente dous artigos de critica.

Até o jocoso Euclydes já assignou um folhetim.

Nossas embaras a João Alfonso pela conquista de seu Malho nesta provincia mal organizada—o anonymo, o peor e mais feio de nossos males, tende a desaparecer.

Reunam-se todos os homens modernos e honestos, desprezem inteiramente tudo oque he escripto que não trouxer uma assignatura legal—e o anonymo deixará de existir completamente.

A Civilização, vendo que ninguém nesta provincia se dá ao trabalho de elogiar o ultra sr. dr. Mourão, resolveu ella propria fazel-o, com gentilezas d'estylo e grande prodigalidade do justica.

Quanto a nós declaramos que nos merec toda fe o elogio do redactor em chefe do jornal catholico—ninguém urelho do que s. s. poderá dizer o que é e quanto vale s. s.

Lá o argumento de que hu sujeitos tão tolos, que levam o escrupulo a não se animarem a dizer bem de si mesmos—não nos pa rece em extremo produdente; tanto assim que resolvemos declarar que todos nós, os do Pensador, principiando pelo chronista, somos pessoas de grande merecimento e reconhecida virtude—Nosso collega Bellencoard—excelente!!!—nossos collaboradores—divinos!—nossos leitores e leitoras—esplendidas!—nossos antagonistas—celestes!—nossos visinhos—sublimes!—nosso cobrador—magnífico!—nossos amigos—soberbos!—nossos parentes—maravilhosos!—nosso continuo Ladislau—cumulo dos cumulos das maravilhas!

E isto sem fallar na nossa taboleta e em quem a pintou, que são apenas—inexcedíveis!—Emfim bons nesta terra—só nós e a gente da Civilização!

Domingo, dá beneficio no S. Luiz a sra. D. Carolina Patin que promette apresentar um typo ecclesiastico, muito conhecido nesta cidade.

Entendemos que a policia não devia consentir em tal cousa.

O sr. ROGUA SANTOS continua a despejar seu verso nas columnas do Paiz—chamamos a attenção da camara municipal.

De uma conversa entre um padre velho e uma senhorita do coração de Jesus, colhemos o seguinte dialogo:

—Ora ahí está, filha—deves rezar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria para resgate de teus bens celestes...

—Ai, Padre! se me custasse o mesmo o resgate dos que tenho na Caixa Economica!

OS NOSSOS UNICOS

No Paiz de 21 do corrente honraram-nos com algumas observações dous moços esparançosos—Frederico Mauriz e Antonio Pacifico.

Folgariamos bastante em receber-os conjunctamente neste logar, porem não o podemos fazer, pela simples razão de ter o primeiro se apresentado em trajos de visita e o segundo em mangas de camisa.

Por conseguinte entre o Frederico para a sala e o Antonio que espere no corredor.

Mauriz, tenha a bondade de seu cheupensino, sente-se para este lado que está mais fresco, tome um charuto, acenda-o, descansa

um pouco e vamos dar dous dedos de palestra.

Sabes de uma cousa? —Não comprehendes precisamente o que escrevemos a respeito do Glossario do nosso dr. Frederico.

Não comprehendes. 1.º Porque dizes elegantemente que nós desejavamos condemnar o Brazil a uma eterna inatidão, jogando-o ao carro triumphal da França, quando o que nós dissemos foi que eramos, a força de circumstancias, arrebatados, mas grado nosso patriotismo e nossa dignidade nacional, pela corrente electrica de idéas, que jorra da França.

2.º Porque dizes que somos injustos com a nossa patria; quando o que somos e simplesmente—sinceros, francos, porque adheremos o palvratario hypocrita, os isopque poetas e hoides com que em geral servem-se por ahí para cantar o dia 28 de Julho ou fazer discursos em lambetes de eloquio.

3.º Porque dizes que o auctor destas linhas sonha a originalidade na pintura brasileira, e que no entanto a nega a sua propria lingua; E que indicamos que a França é a unica que tem o direito de desenvolver-se;

E que se dissemosmos que desejavamos a lingua universal, diriamos uma cousa bôa; E que a gente não deve escrever como lilla nem fallar como pensa.

E que a gente deve ter a pensamentos e a fraseologia—o pensamento de um leito e a fraseologia de outro—uma especie de espada direita e buinta virada;

E que isto é logico;

E que o estylo é o homem, porisso que a individualidade de quem escreve não deve transapparecer no seu trabalho.

E outras cousas, que serão explicadas no correr destas linhas.

Disseste que sonhamos a originalidade na pintura brasileira e que a negamos a nossa lingua.

Mas Mauriz, vem cá—sonha a originalidade na pintura, isto é, dar a essa arte um caracter moderno e apropriado as condições philosophicas e passivas da epocha logica em que vivemos, desta epocha em que se aspira a verdade immutavel e inteira, como unica fonte de inspiração real e consoladora, e haquer com a velha cathedra do convencionalismo metaphisico, é destruir todos os preconceitos artisticos instituidos pela velha rotina classica das academias, é olhar para a natureza de um modo complexo e vasto e copial-a na sua nudez fria e desarranjada.

Antigamente, para copiar uma paisagem, pintar uma cabeça, desenhlar uma scena domestica, tinha o artista a obrigação de desprezer tudo o que desagradasse a vista e servir-se unicamente daquillo que a delectasse. Hoje porem a cousa é diversa—o artista moderno, o pintor realista, tem obrigação de surprender a natureza no seu estado máo ou bom, agradável ou não, decente ou indecente, receber a impressão da natureza como ella é evidentemente sem alterações, sem mentiras—nada se despreza, nada se espederça—a gruação feia de certas arvores, o desenchavo de um limpejo no meio do campo, uma mulher grávida a colher uma rosa, um dho vesgo em uma cara linda, um sujeito vestido justamente da cor do objecto que lhe serve de fundo, um pé comido de feiras, inchado, com o feito de um caratulo é respeitado, copiado a risca, com a fidelidade de uma machina photographica—o artista recebe a imagem no cerebro e transmite-a á tela—já não tem o direito de entender, modificar, subtrahir, apenas o que pode fazer na transmissáo é deixar transporecer a sua individualidade, o seu modo de ver e estudar a natureza, mas para isso é preciso que elle se transforme em uma especie de camara optica onde todas os objectos externos se acham reproduzidos com uma exactidão irrepresentavel, porem com uma certa luz, um certo tom especial da reprodução.

O realismo lechou na mão a imaginação do artista e, o que parece um absurdo, tornou a arte mais difficil e mais bella, porque a obrigou a surprender a natureza nos seus multiplos mysterias e nos encantos invisíveis aos olhos de quem não é artista e não sabe descobrir tudo, tolos os accidentes da forma, todas as matizações da cor e todas as subtilezas da luz.

Para ser artista moderno é preciso educar os olhos no segredo de não perder o menor accidente da natureza—na aza dourada de uma mosca que passa na irradiação da luz do sol é um mundo insondavel de bellezas.

Fromentin n.º Os mestres d'outrora, um admiravel livro de critica, preserva a missão da arte moderna nos seguintes termos: «Trata-se hoje de dar a cada cousa o seu interesse, de pôr o homem no seu verdadeiro logar e não a passar sem elle quando for necessario. Chegou o momento de pensar menos, de pôr o fim mais baixo, de olhar de mais perto, de observar melhor, de pintar tão bem como n'outro tempo, mas por um outro modo. A pintura moderna é a pintura da multidão, do cidadão, do homem de trabalho, do primeiro que apparecer.

A pintura é inteiramente feita para elle o feito delle. Trata-se para o artista de ser humilde com as cousas humildes; subtil com as cousas sublis, de não acoblar todas sem amissão nem desdem, entrando familiarmente, affectuosamente na sua intimidade, na sua maneira de ser; é uma questão de sympathia, de cariedade, de attenção, de paciencia.

D'ora avante o genio consistirá em não preceber cousa alguma, em não saberemos aquillo que sabemos, em nos deixarmos surprender pelo modelo e em não perguntar-nos a ninguém mais senão ao proprio modelo, e como elle quer o representem. Quanto a aformosear, nunca! Quanto a ennobrecer, nunca! Quanto a emendar, nunca! Seria commetter outras tantas mentiras e ter outros tantos trabalhos inúteis. Em todo o artista digno deste nome ha o que quer que seja, que se incumbe de todas essas cuidados naturalmente e sem esforço. (Título das notas de viagem de R. Deligny)

Esse quer que seja, de que falla Fromentin com tanto criterio, e a que chamamos erroneamente vento do pensamento, não é mais do que a delicada, a subtil, a vaporosa expressão da personalidade do artista.

O homem moderno, pintor ou poeta, estatuário ou musico, recorre na retina ou no cerebro os objectos ou os factor, que se dão na vida real, e verte-os depois com a maior inteireza na tinta, na palavra, na pedra ou nota de musica, sem fallar o menor accidente, o mais pequenino circumstante, porem repassados de um perfume suave e especial, que é o sentimento artistico, o saber julgar, o saber sentir, ou a outras palavras a inspiração reproductora da alma do artista.

A refração de luz no ar, a accumulção das camadas atmosphericas, a influencia destas sobre as plantas que se esguilham ou se esguilham conforme o prezo do ar, a penumbra mysteriosa de um bosque, a sussurar das aguas que correm em borboião nas hortas vicejantes, as longas planicies mordiadas pela luz, os caminhos sinuosos que se perdem no horizonte, os bois cansados ao cubir da tarde, que decaem um olhar molle de ternura e quebrem o silencio balsamico dos campos com um mugido triste como uma supplica, o aldoño vergado pela fadiga, que cava na strta o pão da bocca, com o ar de quem cava a propria sepultura, tudo isto e muitas outras cousas, inteiramente desprezadas pelos artistas de outrora, constituem o objecto de estudo dedicado da arte moderna.

A forma ideal, a theoria falsa que adoptou e bello por convención, desapareceu com a ultima das escolas da pintura platonica—a escola de Bologna—Carlos Morato e Luca Giordano marcam a ponto extremo da lista dos grandes artistas que nos precederam e fecham a epocha brilhante do idealismo instituido por Giotto.

Rembrandt em França, Goya y Lucientes na Hespanha, foram os primeiros sanhadores revolucionarios do realismo.

Hoje elle é uma realidade. Pieve Ferro, em um magnifico tratado de esthetica positiva, divide toda e qualquer arte em arte decorativa e arte expressiva—A expressiva, diz elle—é o verdadeiro realismo e dá a qualquer trabalho de arte moderno.

Diz Balthus Ortoqui que a theoria platonica de uma forma ideal, prevalecendo contra a realidade da natureza, é um absurdo que cahio completamente pela base diante da sciencia e diante da philosophia—ho bello adoptado convencionalmente, como se adoptou o covado, para medida da arte esta exuberantemente provado que dá nas applicações estheticas os erros mais grosseiros.

Por conseguinte, Mauriz, a originalidade da pintura brasileira, de que em tempo te fallamos, não era mais do que o desejo de

\* Na ultima exposiçáo de Pariz distinguiram-se os seguintes mestres da escola de pintura moderna—Corot, Daubigny, Millet, Courbet, Diaz, Troyon, Paul Boudry, Luc Olivier Merson, De Charonne, madama Morisot, Claude Monet, Pissarro, Renoir, Sisley, Debacros, Huot, Rivart, Roussau e muitos outros, tendo como chefe—Eduard Manet—o mais bello ornamento da pintura realista.

